Arquitetura amazônica

Beirais quebrados e barracões afastam chuva e mormaço

Texto
Vanda F. Pinto

"Minha arquitetura é a arquitetura do barracão." É com orgulho que o arquiteto paraense Milton Monte resume sua produção atual, totalmente voltada para a região amazônica, o que inclui o aperfeiçoamento de uma tecnologia própria e o uso de materiais locais. Tanto o barracão quanto o beiral quebrado, que ele desenvolveu nos anos 70, atendem não só às exigências climáticas da Amazônia, como provêm de suas origens culturais, baseadas no homem do interior e no índio. Engenheiro durante doze anos, resolveu cursar arquitetura, formando-se em 1966: "Meu trabalho de arquiteto foi facilitado pelos conhecimentos que eu já possuía de tecnologia construtiva; durante todos esses anos venho produzindo materiais para a construção civil". Professor de arquitetura na Universidade Federal do Pará, Monte concedeu à Projeto *a entrevista a seguir.*

O que o levou a fazer projetos ligados à região?

Apesar de constantemente bombardeados por influências dos grandes centros, as condições climáticas da região, com muito mormaço e grande índice pluviométrico, levam à busca de soluções próprias. Além disso, há a cultura regional, baseada no modo de vida do homem do interior e do índio. E, finalmente, os materiais, sobretudo a madeira e a cerâmica.

Por que o senhor diz que sua arquitetura é a arquitetura do barracão?

Tenho um levantamento fotográfico da Amazônia muito bonito, no qual se pode ver que a conquista da região caracterizou-se pelos barracões. É lógico que dá para fazê-lo numa determinada escala. Ele é uma construção levantada do solo e sua saúde - conservação das paredes, da pintura, ausência de mofo - é muito grande; embora chova muito, a água do solo não penetra na casa. Hoje, minha clientela, inclusive a de Belém, aceita bem o barracão.

O que mais caracteriza esse barracão?

Uma cobertura muito generosa, para abrigar do sol e da chuva. Por analogia às coberturas indígenas, criei um telhado com beiral quebrado. O grande Corbusier usou o *brise-soleil* e nós temos o quebra-chuva, uma característica da região. Ele foi usado pela primeira vez numa residência unifamiliar da praia do Farol, em Belém, com a qual ganhei o primeiro concurso promovido pelo IAB do Pará, em 1978. Hoje esse beiral está praticamente instituído na arquitetura de Belém, inclusive com cópias muito engraçadas.

Como ele é e quais as vantagens de usá-lo?

Desde aquela casa, avancei bastante na tecnologia desse telhado; fiz experiências recentes e consegui baixar bem a ponta do beiral. No caso dos índios, por exemplo, muitas funções básicas da vida se desenvolviam ao ar livre; eles também não tinham tanta necessidade da luminosidade, que permite a leitura, a costura etc. Vivemos numa região onde chove demais e há muito mormaço. Então, somos obrigados a ficar semi-fechados e usar vidro rayban, cortinas etc. Mas isso não é da nossa cultura. Com o beiral quebrado, a casa pode ficar aberta o ano todo: não temos vento frio e ficamos protegidos do sol e da chuva.

ARQUIVO MILTON MONTE

Vista do Interpass Club.

Atualmente o senhor faz obras maiores. Pode-se aproveitar esse aprendizado?

Realmente trabalho numa escala maior, projetando grandes hotéis e clubes. Minha obra mais recente, ainda em fase de projeto, é a sede campestre do Clube dos Engenheiros do Pará. E lhe digo uma coisa: é um grande barracão.

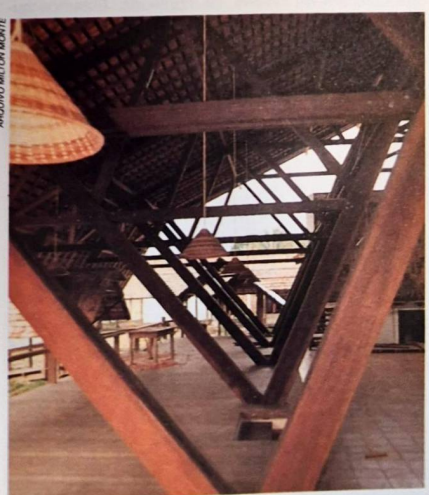
E a experiência com materiais da região?

Há cinco anos, o professor Edgar Graeff esteve em Belém e elogiou muito o fato de produzirmos dentro da própria obra os materiais que usamos, a partir de elementos da região. Na verdade, eu me voltei mais para a madeira e a cerâmica. Toda a região amazônica é sílico-argilosa: em qualquer lugar, encontra-se argila de excelente qualidade para fazer cerâmica vermelha. Temos produzido um material que é uma junção de madeira e cerâmica. E sou fiel a isso. Não que eu não empregue o vidro e o alumínio, mas só quando é correto. Já construí grandes prédios e não dá para dispensar o vidro, pois a cidade tem um clima nocivo, com poeira, fumaça, barulho etc.

Dê um exemplo de obra bem conhecida na qual o senhor produziu materiais no próprio canteiro.

O Interpass Club, que foi inaugurado há três anos e fica na ilha do Mosquito. Aliás, esse trabalho emocionou o arquiteto Zanine Caldas, acho que consegui passar minha idéia. Ele me disse: "Monte, estou vendo teu pássaro. Parece que ele quer mexer as asas". Mas lá fizemos luminárias de madeira com talas bem resistentes da Amazônia, objetos de cerâmica, como cinzeiros, e até copiamos os barcos da região. Queríamos que o usuário realmente tivesse vontade de permanecer no clube, em vez de ir à praia. Hoje se faz uma arquitetura que é praticamente uma composição. Vem tudo pronto: forro, parede, piso, telhado etc. Acho que a arquitetura é uma coisa ligada à emoção, que só se sente quando se está criando.

ARQUIVO MILTON MONTE



Pormenor estrutural do Interpass Club.

Toda essa tecnologia mais regional que sua eqüipe vem desenvolvendo em cada canteiro parece ser bem artesanal. O senhor não gostaria que pudesse ser apropriada por um conjunto maior de pessoas?

Ela ainda é bastante artesanal e temos lutado para que possa ser usada em maior escala. No Interpass Club, estavam projetadas cinqüenta barraquinhas a serem distribuídas no espaço do equipamento; elas foram feitas fora da obra e já se caracterizavam quase como um pré-fabricado. Mas, para uma produção realmente grande, ainda falta o capital e o desenho industrial.

Como vem sendo sua experiência no magistério?

Fiz do meu campo de trabalho um laboratório experimental e levo os resultados para a sala de aula. Mas é para eles serem discutidos: o que fazer com aquele conhecimento depende de cada cabecinha nova que está ali; deve-se aprender com experiências já realizadas e dar novos passos adiante. Agora, há uma perspectiva muito interessante: o arquiteto Zanine Caldas me convidou para montarmos em Belém a Escola do Fazer, que deve ter o apoio do governo estadual. O Zanine tem paixão pela floresta, por perpetuá-la em objetos feitos de madeira. Na escola, pretendemos trabalhar com tudo o que for sucata de madeira, com o que dela é desprezado.

E quanto à exposição sobre sua obra que está sendo organizada?

Não é apenas sobre a obra em si. Ela está ligada sobretudo à produção espontânea dos moradores da região, que foi onde bebi. Por exemplo: meu trabalho tem grande apoio da mão-de-obra oriunda dos carpinteiros da construção naval, que fazem as canoas e têm uma habilidade enorme. O trabalho não é só meu, trata-se de um conjunto de elementos e circunstâncias. Apesar da tendência em se copiar as modas ditadas pelos grandes centros e pelos meios de comunicação, os arquitetos paraenses têm buscado preservar valores culturais e ambientais em seus projetos. Se os arquitetos da Amazônia se voltassem para produzir uma arquitetura realmente centrada na região, ela seria uma das mais belas e significativas do mundo.

projeto

Cr$ 6.000,00
148
Revista brasileira de arquitetura, planejamento, desenho industrial, construção
ISSN 0101-1766

CONTEXTUALISMO
A BRASILEIRA:
A CONVIVÊNCIA ENTRE O VELHO E O NOVO
REVITALIZAÇÃO
DO CENTRO HISTÓRICO DE LÉRIDA
BOTTI & RUBIN
IDÉIAS E OBRAS